

**ISCTE**  **IUL**  
**Instituto Universitário de Lisboa**

**Escola de Ciências Sociais e Humanas**  
Departamento de Psicologia

**Migrantes, refugiados e requerentes de asilo: Como diferentes rótulos linguísticos  
podem influenciar nas atitudes dos portugueses.**

Ana KátiaVinhais

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia  
das relações interculturais

Orientador:  
Professor Doutor Mauro Bianchi, Investigador Auxiliar Convidado, ISCTE - Instituto  
Universitário de Lisboa  
Outubro/2018

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.



**Escola de Ciências Sociais e Humanas**  
Departamento de Psicologia

**Migrantes, refugiados e requerentes de asilo: Como diferentes rótulos linguísticos  
podem influenciar nas atitudes dos portugueses.**

Ana KátiaVinhais

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia  
das relações interculturais

Orientador:  
Professor Doutor Mauro Bianchi, Investigador Auxiliar Convidado, ISCTE - Instituto  
Universitário de Lisboa  
Outubro/2018

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

### **Agradecimentos**

Mencionar aqui o nome dessas pessoas constitui um preito de justiça e de homenagem sentida pela minha parte.

Ao meu orientador, doutor Mauro Bianchi, pela dedicação e competência demonstrada e por ter sido incansável no apoio dado ao longo destes últimos meses.

A todos os docentes que me acompanharam ao longo do meu percurso, pelo contributo dado na minha formação pessoal e académica.

Aos meus queridos e amados amigos que durante este período contribuíram para os momentos de distração e boas gargalhadas.

Por último, não poderia deixar de agradecer aos meus pais que me apoiam incondicionalmente em qualquer ventura que eu me proponho a fazer e serem sempre o meu pilar de conquista de sonhos.

## Resumo

A presente dissertação foca-se na temática dos migrantes, refugiados e requerentes de asilo em Portugal, tomando como ponto de partida como os diferentes rótulos linguísticos que os portugueses ouvem nos media podem influenciar as atitudes dos mesmos. Foram distribuídos aleatoriamente questionários por três condições (migrantes, refugiados e requerentes de asilo) onde a amostra de (n = 166) participantes portadores de passaporte português. Com base em dados qualitativos sobre as intenções percebidas e associadas aos rótulos e usando as escalas de *Feeling Thermometer* e Distância Social, confirmou-se como previsto que a utilização de certos rótulos linguísticos aumenta a ansiedade dos membros da sociedade acolhedora, como também existem diferenças nos rótulos relativo às atitudes políticas. O rótulo “migrantes” é avaliado significativamente mais negativamente que os outros dois rótulos. O estudo conclui que rótulos diferentes têm diferenças nas atitudes e percepções dos portugueses.

Palavras-chave: migrantes, refugiados, requerentes de asilo, rótulos linguísticos, portugueses

### **Abstract**

The present dissertation focuses on the theme of migrants, refugees and asylum seekers in Portugal, taking as a starting point how the different linguistic labels that the Portuguese hear in the media can influence their attitudes. Questionnaires were randomly distributed for the three conditions (migrants, refugees and asylum seekers) in the sample of (n = 166) participants with Portuguese passports only. Based on qualitative data on intentions perceived and associated to the labels and using the Feeling Thermometer and Social Distance scales, it was confirmed that the use of certain language labels increases the anxiety of the members of the welcoming society, as well as differences in the labels on political attitudes. The label "migrants" is evaluated significantly more negatively than the other two labels. The study concludes that different labels have differences in the attitudes and perceptions of the Portuguese.

Key words: migrants, refugees, asylum seekers, linguistic labels, Portuguese.

## Índice

Introdução.....	1 - 2
Capítulo I: Contextualização	
1.1 Conceito de refugiado versus migrantes versus requerentes de asilo.....	3 - 4
1.1.1 A constituição do sistema jurídico internacional na proteção aos refugiados.....	4 - 7
1.1.2 Dados numéricos sobre refugiados e requerentes de asilo em Portugal	
1.1.2.1 Pedidos de asilo e Portugal.....	7 - 8
1.1.2.2 Entrada de refugiados em Portugal.....	8 - 9
1.1.2.3 Entrada de migrantes em Portugal.....	9 - 10
1.1.3 Políticas de asilo na Europa.....	10 - 11
Capítulo II: Enquadramento teórico	
2.1 Linguagem e atitude.....	11 - 12
2.2 Rótulos e categorização social.....	12 - 14
2.3 Efeitos dos media na opinião pública, a representação social.....	14 - 16
2.4 O contexto português: media.....	17 - 19
Capítulo III: Método	
3.1 Hipóteses e objetivo do estudo.....	19 - 20
3.2 Amostra.....	20
3.3 Procedimentos.....	20
3.4 Instrumento.....	21 - 23
Capítulo IV: Resultados.....	24 - 26
Capítulo V: Discussão e limitações do estudo	
5.1 Discussão.....	26 - 29
5.1 Limitações do estudo.....	29 - 30
Referências.....	31 - 34
Anexo A – questionário versão requerentes de asilo.....	35 - 47

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

## **Índice de gráficos**

Gráfico 1 - Relatório de imigração, fronteiras e asilo

### **Índice de tabelas**

Tabela 1 – Entrada de refugiados em Portugal no ano de 2017

Tabela 2 - Refugiados em Portugal por origem em 2017

Tabela 3 - Total de Imigrantes permanentes por sexo

Tabela 5.1 - Correlações de *Pearson* entre *feeling thermometer*, distância social, atitudes políticas, ansiedade e ameaça intergrupala. (N=166)

Tabela 5.2 - Rótulos e medias e desvio padrão nas escalas



Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

## **Índice de figuras**

Figura 3.1 - Modelo teórico de hipóteses

## Introdução

O presente estudo está inserido num estudo internacional <sup>1</sup>e tem como objetivo explorar se os rótulos linguísticos que os media utilizam para descrever as pessoas que migram de um país para outro (i.e., migrantes, requerentes de asilo e refugiados) têm algum efeito nas atitudes percebidas face a estas pessoas em Portugal.

De forma frequente, a comunicação social e o público em geral referem-se a casos de “refugiados” em muitas e diversas situações (ACNUR; 1997, p.7). Apesar do número de refugiados em Portugal relativo aos restantes países europeus ser um grupo pequeno e diversificado, até um pouco irrelevante comparando com a Alemanha, onde um milhão de refugiados foram acolhidos no seu território, dados numéricos até 2016 (Kotzur, Forsbach, & Wagner, 2017).

A migração é um fenómeno complexo e de acordo com dados da ONU (Organização das Nações Unidas), cerca de 2,5 mil migrantes afogaram-se no Mediterrâneo no ano de 2015. Quando a imagem do corpo de Aylan al-Kurdi, de três anos, que morreu afogado durante a tentativa de a família chegar à Grécia a partir da Turquia por toda a Europa desencadeou-se uma onda de solidariedade pela situação dos refugiados e o slogan “Refugiados bem-vindo” tornou-se viral.

A União Europeia em 2015 recuperava de uma crise financeira e inesperadamente vê-se mergulhada numa crise migratória com a chegada diária de milhares de refugiados e imigrantes ilegais a solo europeu, surge assim a curiosidade de saber quais são as perceções e impactos que portugueses têm quando ouvem rótulos diferentes sobre os recém-chegados.

Na primeira parte do trabalho, será realizada uma abordagem conceptual sobre conceito dos três rótulos, requerentes de asilo, refugiados e migrantes, vendo as diferenças que existem entre eles, recorrendo a uma reflexão sobre o desenvolvimento da constituição do sistema jurídico internacional de proteção aos refugiados. Este enquadramento teórico mostra-nos a relevância de como as políticas, relativo aos refugiados evoluíram historicamente e de como no contexto português lidou com os fluxos migratórios, tendo em conta os dados numéricos de entradas de refugiados e requerentes de asilo como as entradas de migrantes em Portugal no ano de 2017.

---

<sup>1</sup> Levado a cabo na Austrália, Finlândia, França, Inglaterra, Itália, Polónia, Portugal, República Checa, Suécia e por fim Suíça.

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Posteriormente, e em modo de contextualização do tema de pesquisa abordou-se a importância da linguagem e de como esta tem um papel crucial na formação de percepção das pessoas sobre o mundo, como também dos rótulos e da categorização social. Abordaremos, ainda, o conceito de representação social enquanto instrumento teórico e conceptual fundamental na análise do modo como a imprensa pensa coletivamente dos refugiados, requerentes de asilo e migrantes. Sucintamente verificou-se que algumas notícias nos media abordaram os rótulos em questão.

Com este estudo procuramos perceber se os media influenciam na maneira como os portugueses vêem os nossos rótulos, assim o estudo diz-nos que as terminologias usadas para descrever pessoas recém-chegadas têm consequências nas percepções dos portugueses, onde as nossas hipóteses foram parcialmente confirmadas.

Por fim foram discutidos os resultados fazendo comparações com estudos mais recentes da literatura.

## Capítulo I – Contextualização

### 1.1 Conceito de refugiado, migrantes e requerentes de asilo.

Os três rótulos do estudo da investigação são bastante ouvidos devido à crise migratória na Europa, contudo nem todos sabem a diferença entre eles.

Segundo a, Nações Unidas o conceito de refugiado teve a sua referência com a Convenção sobre o estatuto do Refugiado que foi criada em 1951 pela Assembleia geral das Nações Unidas, esta atestava que um refugiado é alguém que “receia ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou opinião política” (ACNUR, 1951)<sup>2</sup>. É importante salientar que o estatuto de refugiado somente é atribuído, se estiver enquadrado na definição da Convenção das Nações Unidas. A proteção internacional tem duas formas; o estatuto de refugiado, ou seja, por serem vítimas de perseguição e o de proteção complementar por razões humanitárias, ou seja, por serem vítimas de uma situação generalizada de violência.

Já no que diz respeito a migrante esta terminologia serve para descrever alguém que de livre vontade toma a decisão de ir para outro país ou região. Frequentemente esta decisão é à procura de melhores condições de vida tanto materiais como sociais. Obviamente que os motivos desta migração podem ser inúmeros<sup>3</sup> (OIM, 2009).

Por fim o requerente de asilo segundo o glossário sobre migrações da OIM “é aquele que pretende ser admitida num país como refugiado e que aguarda uma decisão relativamente ao seu requerimento para obter o estatuto de refugiado segundo os instrumentos, internacionais e nacionais, competentes. Em caso de indeferimento, tem que abandonar o país e poderá ser expulsa, tal como qualquer estrangeiro em situação irregular, exceto se for autorizado a permanecer por razões humanitárias ou outros fundamentos relacionados”.

Em Portugal é possível apresentar o pedido em território nacional ou em postos de fronteira. O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras é responsável pela instrução dos procedimentos de asilo e cabe ao seu diretor decidir sobre a admissão ou recusa dos pedidos. Contudo os requerentes de asilo enquanto aguardam a decisão do pedido de asilo recebem autorização de residência provisória, renovável até à decisão final, esta decisão sobre a

---

<sup>2</sup> Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto de Refugiado de 1951.

<sup>3</sup> Glossário sobre migrações, n.º 22, OIM, 2009.

concessão ou recusa do estatuto de refugiado compete ao Ministro da Administração Interna, sob proposta do Comissário Nacional para os refugiados <sup>4</sup> (Lei de Asilo, 2008).

Em suma, o conceito de refugiado aplica-se a indivíduos que pertencem a grupos cujos membros se presume terem um receio fundado de perseguição de acordo com a definição de refugiado da Convenção de Genebra de 1951. Tal terminologia é também usada para refugiados em sentido amplo para aqueles que deixaram os seus países em consequência de guerra civil ou internacional. Não se procede à determinação individual, havendo reconhecimento coletivo ou em grupo (ACNUR, 1997, p. 6). Este termo pode aplicar-se quer a refugiados reconhecidos de guerra, na aceção referida anteriormente, quer no sentido que lhe é indicado na Convenção da OUA e Declaração de Cartagena. O requerente de asilo é aquele que aguarda por um parecer de asilo num país, o órgão que determina se o requerente tem direito ao asilo, se ele pode receber o *status* de refugiado ou se ambos lhe são negados. Por fim migrante é aquele que transita de um lugar para outro por iniciativa própria, não por ter corrido perigo de vida, mas sim em busca de uma vida melhor.

### **1.1.1 A constituição do sistema jurídico internacional na proteção aos refugiados.**

Desde que o mundo é mundo sempre existiram na história da humanidade movimentos migratórios resultantes das perseguições, conflitos e violações dos direitos humanos. Porém o conceito de refugiado e segundo Malkki (1995) somente no período após a Segunda Guerra Mundial é que a terminologia, refugiado obteve as características e categoria social como também a dimensões legais internacionais de como a conhecemos hoje (p. 497).

Contudo foi com a constituição da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945 que a problemática dos refugiados teve um cariz mais emblemático e notório mundialmente e três anos mais tarde, precisamente a 10 de Dezembro de 1948 seria proclamado pela Assembleia Geral a Declaração Universal dos Direitos do Homem. É importante salientar que esta declaração não tinha qualquer força jurídica vinculativa era apenas um código internacional de conduta dos Direitos do Homem. Citando o autor Andrade (2008) esta declaração era “a base dos princípios norteadores do comportamento internacional no que diz respeito aos direitos humanos” (p.793).

---

<sup>4</sup> Lei n.º 27/2008, de 30 de junho, que estabelece as condições e procedimentos de concessão de asilo ou proteção subsidiária e os estatutos de requerente de asilo, de refugiado e de proteção subsidiária. Disponível em: <https://sites.google.com/site/leximigratoria/lei-do-asilo>

Assim nesta declaração pode-se ler no artigo 14, “toda a pessoa sujeita a perseguição tem direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países”, a primeira referência sobre refugiados e requerentes de asilo. Nobel citado em Malkki (1995) afirma que a lei para os refugiados é inseparável do código dos direitos Humanos (p. 500).

A Assembleia Geral da ONU em Dezembro de 1949 resolveu criar um órgão designado somente para os refugiados, Alto-comissário das nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), este organismo internacional de cariz humanitário que tem por missão; assegurar a proteção internacional dos refugiados e procurar soluções permanentes para os seus problemas. Praticamente em simultâneo com a criação do ACNUR foi elaborado o Estatuto do Refugiado de 1951 onde se estipula que refugiado é aquele que “ em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 1 de Janeiro de 1951, e receando com razão ser perseguido em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social, se encontre fora do país de que tem nacionalidade e em virtude daquele receio, não possa ou não queira pedir proteção naquele país” (ACNUR, 1992).<sup>5</sup>

O Estatuto do Refugiado de 1951 já era juridicamente vinculativo para todos os Estados membros da Organização das Nações Unidas, bem como de qualquer outro Estado não membro convidado para a Conferência de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e dos Apátridas ou de qualquer Estado ao qual a Assembleia Geral haja dirigido convite para assinar, (ACNUR,1992) e passou de ser apenas normas de conduta para normas internacionais de proteção a refugiados que define também as respetivas obrigações jurídicas internacionais.

Segundo Andrade a Convenção de Genebra não apareceu de um cariz humanitário ou vazio político, mas sim de uma necessidade da conjuntura política e económica internacional resultante do, pós Segunda Guerra Mundial (Andrade, 2008). O autor afirma que foi a resposta à experiência do totalitarismo na Europa com base no “imperativo político que servia os interesses geopolíticos dos Estados Unidos e dos seus aliados em proteger os refugiados provenientes de países comunistas” (Andrade, 2008 p. 803).

Já na perspetiva de Malkki a Convenção de Genebra foi um evento crucial e incontornável na institucionalização do regime para a proteção dos refugiados (Malkki, 1995).

---

<sup>5</sup> Artigo 1 da Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados, no *Manual de Procedimentos e critérios a aplicar para determinar o Estatuto de Refugiado*, ACNUR, Genebra, Janeiro 1992, p.61

Desde que esta entrou em vigor tem vindo a surgir novas terminologias no domínio legal para tentar colmatar a proteção internacional noutros domínios, por exemplo o surgimento do conceito “requerente de asilo”. Como supramencionado entende-se como aquele se encontra em procedimento de asilo, ou seja, que apresentou um pedido de asilo e ainda esta aguardar deliberação.

No caso português, este também assinou e ratificou a Convenção de Genebra de 1951, a 1 de Outubro de 1960, mas o direito de asilo somente seria reconhecido em Portugal após o 25 de Abril de 1974.

No artigo 33 da Constituição da república portuguesa (CRP) diz-nos “É garantido o direito de asilo aos estrangeiros e aos apátridas perseguidos ou gravemente ameaçados de perseguição em consequência da sua atividade em favor da democracia, da libertação social e nacional, da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana”, onde denota-se apenas o asilo político, isto é, não consagra a proteção a pessoas perseguidas por outras razões (CRP, 2009)<sup>6</sup>.

Portugal nesta altura (1975) sofre com a descolonização e tem o maior movimento populacional de sempre (Pires, 2003 p. 132). Assim surge a terminologia retornado, ou seja, os portugueses que provinham das ex-colónias. É importante salientar que além dos retornados também há um fluxo migratório dos Países Africanos de Língua Oficial Português (PALOP) onde por exemplo, Angola que entra em guerra civil. Assim e segundo Pires (2003) surge uma necessidade a nível legislativo de distinguir os refugiados dos retornados (p. 133).

Uma década depois esses fluxos passaram a ter um carácter mais heterogéneo, com imigrantes vindos também de outros contextos e não somente ligados a colonização portuguesa. Ora em 1991 é criado o Conselho Português para os Refugiados e sendo este um parceiro do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, Portugal tem a necessidade de uma nova lei de asilo que fosse mais abrangente. Assim o papel do CPR era o de dar melhor apoio aos requerentes de asilo em todas as fases como também de fornecer informações.

Desde 2008 encontra-se em vigor um novo regime político no que diz respeito ao asilo, ora a lei n.27/2008 diz-nos que “ assume uma postura ativa no acolhimento de

---

<sup>6</sup> Constituição da República Portuguesa, disponível em:  
<https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1980/08/17600/19421946.PDF>.

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

refugiados e traduz uma discussão pública alargada, reflexo da opção do Governo de englobar no processo decisório e na execução da política de asilo quem lida diariamente com este drama, nomeadamente o ACNUR e o CPR”<sup>7</sup> (Lei da Concessão de asilo, 2008).

O CPR tem vindo a fazer reforços nos direitos do refugiado e requerentes de asilo tanto a nível social como o de acesso à educação e ao emprego.

Contudo com a crise dos refugiados instalada na Europa desde 2015, o papel da CPR agora é também o de reinstalação dos refugiados em território português.

## **1.1.2 Dados numéricos sobre refugiados e requerentes de asilo em Portugal**

### **1.1.2.1 Pedidos de asilo em Portugal**

De acordo com os dados do Serviço de estrangeiros e fronteiras (SEF) no ano de 2017 deram entrada em Portugal 1750 pedidos de asilo. O SEF é entidade portuguesa responsável pela decisão sobre a aceitação de pedidos de proteção internacional.

Como mencionado mais acima desde que Portugal assinou a Convenção de Genebra em 1951 e ao acervo de instrumentos jurídicos da União Europeia (UE) que integram o Sistema Europeu Comum de Asilo (Diretivas sobre as condições a preencher para beneficiar do estatuto de proteção internacional, sobre o Procedimento de Asilo, sobre as Condições de Acolhimento, e Regulamentos de Dublin e Eurodac) e à Constituição da República Portuguesa, os estatutos de proteção vinculam-se por ela (SEF, 2017)<sup>8</sup>.

Contudo os pedidos de asilo em Portugal são apresentados por cidadãos africanos, num total de 711 (Gráfico 1), mais precisamente nacionais do Congo RD (158), de Angola (121), da Eritreia (67), do Congo (58) e da Guiné (42). Já os pedidos de proteção internacional têm um número mais elevado com um total de 803, provenientes do Afeganistão (32), do Irão (18), do Iraque (283), do Paquistão (21) e da Síria (426).

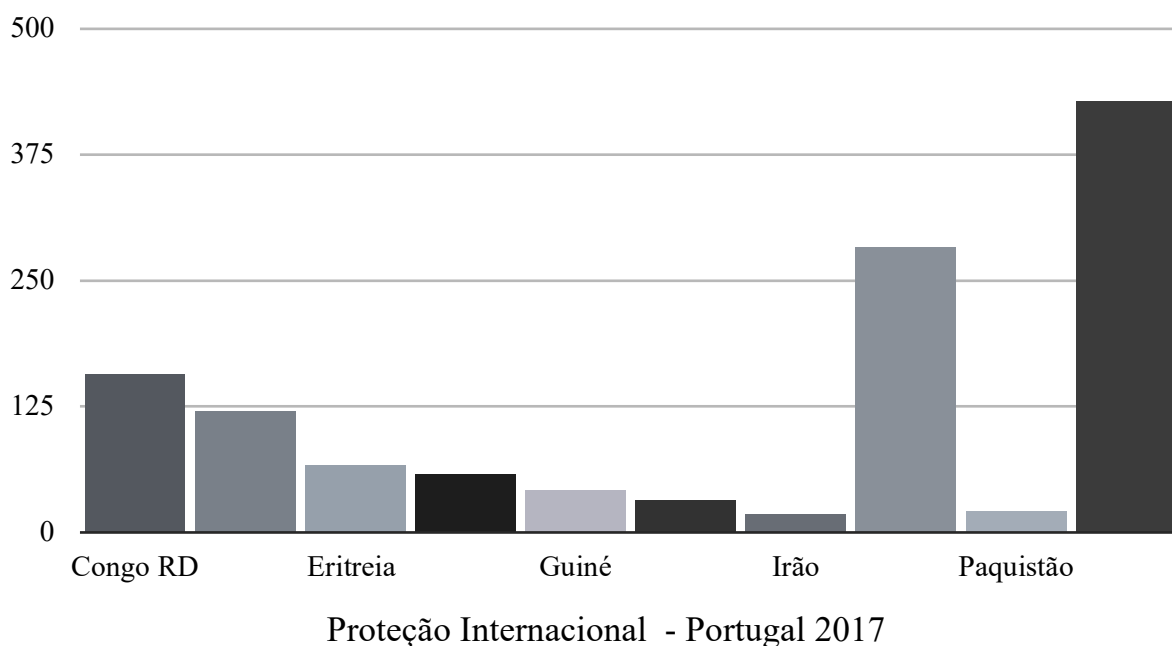
---

<sup>7</sup> Publicada Lei da Concessão de Asilo, 30 de Junho de 2008, disponível em: [www.portugal.gov.pt](http://www.portugal.gov.pt)

<sup>8</sup> Relatório de imigração, fronteiras e asilo, 2017 p. 39, disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>.



**Gráfico 1 - Relatório de imigração, fronteiras e asilo**



Os dados numéricos fornecidos pelo SEF diz-nos que no ano de 2017, dos 1750 pedidos de asilo foram reconhecidos 119 estatutos de refugiados e concedidos 381 títulos de autorização de residência por proteção subsidiária.

### 1.1.2.2 Entrada de refugiados em Portugal

De acordo com os dados do Alto-comissário para as Migrações (ACM), Portugal é atualmente o sexto país da União Europeia (UE) com o maior número de refugiados acolhidos no âmbito do programa de Recolocação como se vê na figura 1. No ano de 2017 chegaram a Portugal 1520 cidadãos recolocados, 1190 provenientes da Grécia e 330 de Itália, sendo 261 agregados familiares e 533 menores (ACM, 2017 p. 5).

**Tabela 1 – Entrada de refugiados em Portugal no ano de 2017**

Programa de Recolocação				
Indivíduos			Proveniência	
Total	Adultos	Menores	Grécia	Itália
1520	987	533	1190	330

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Já no que diz respeito à origem os recolocados como na figura 2 apresenta, vêm maioritariamente da Síria (833) do Iraque (338) e da Eritreia (311) onde a maior percentagem de pessoas são do sexo masculino, (homens jovens oriundos da Eritreia) (ACM, 2017 p. 6).

**Tabela 2 - Refugiados em Portugal por origem em 2017**

Total por nacionalidades										
Apátrida	Eritreia	Iémen	Iraque	Síria	Sudão	Palestina	Tunísia	Etíopa	Rép. Centro Africana	Total
21	311	4	338	833	1	5	1	1	5	1520

Portugal assumiu a sua quota do compromisso entre os vários Estados-Membros da UE para colmatar a pressão migratória (Itália e Grécia), a estratégia nacional consiste na integração das pessoas refugiadas. Segundo a ACM o modelo de acolhimento de Portugal assentou na participação da Sociedade Civil e dos Municípios, onde as 1520 pessoas acolhidas de forma descentralizada por 98 Municípios de norte a sul de Portugal (ACM, 2017 p.9)<sup>9</sup>.

### 1.1.2.3 Entrada de migrantes em Portugal

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística no ano de 2017 em Portugal entraram em território português 36.639 imigrantes como ilustrado na figura 3.

**Tabela 3 - Total de Imigrantes permanentes por sexo**

Imigrantes permanentes: total e por sexo			
		Sexo	
Ano	Total	Masculino	Feminino
2017	39639	18121	18518

<sup>9</sup> Alto-comissário para as migrações, disponível em: <https://www.acm.gov.pt/documents//RelatorioAcolhimentoPessoasRefugiadasDez.2017.pdf>

### **1.1.3 Políticas de asilo na Europa**

A Europa tem vivido um aumento significativo da imigração desde 2015. Somente em 2016, mais de trezentas mil pessoas chegaram à UE através do Mediterrâneo e cerca de 5022 perderam a vida a tentar fazê-lo. Esta crise de imigrantes dá-se devido a conflitos, terrorismo ou perseguições nos países de origem. Dos 1,2 milhões de pedidos de asilo que todos os países da UE receberam em 2016, um quarto foi feito por pessoas oriundas da Síria e cidadãos oriundos do Afeganistão e do Iraque que ocupam o segundo e terceiro lugar.

Segundo dados do Parlamento Europeu no ano de 2017 registaram-se mais de 728.470 pedidos de proteção internacional na UE, esse número representa uma redução de 44% em relação a 2016 <sup>10</sup>.

O objetivo da política de asilo da União Europeia é conceder um estatuto adequado a qualquer nacional de um país terceiro que necessite de proteção internacional num dos Estados-Membros e assegurar a observação do princípio da não repulsão, assim a UE está apostar na criação de um Sistema Europeu Comum de Asilo com base nos artigos jurídicos número 67.º, n.º 2 e artigos 78.º e 80.º do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia (TFUE) e o Artigo 18.º da Carta dos Direitos Fundamentais da UE (Parlamentos Europeu, 2018).

Segundo o Parlamento Europeu os objetivos do Sistema Europeu Comum de Asilo é o desenvolvimento de uma política comum de proteção subsidiária e de proteção temporária, com o intuito de conceder um estatuto adequado. A qualquer nacional de um país terceiro que necessite de proteção internacional, onde esta nova política deverá ser coerente com a Convenção de Genebra (Parlamentos Europeu, 2018).

## **Capítulo II - Enquadramento teórico**

### **2.1. Linguagem e atitude**

Citando Franz Boas (1974) a linguagem é uma ferramenta essencial na vida dos homens, esta permeia a vida social. Sendo a linguagem o principal veículo para a transmissão

---

<sup>10</sup> Política de asilo - Fichas técnicas sobre a União Europeia, disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/factsheets/pt/sheet/151/politica-de-asilo>

do conhecimento cultural e também o principal meio pelo qual obtemos acesso aos conteúdos dos que outros pensam, ou seja, somente através da linguagem nós conseguimos nos comunicar (Moura, 2004).

A linguagem está envolvida na maioria dos acontecimentos da psicologia social, mencionando alguns exemplos; a mudança de atitude, a percepção social, a identidade social, a interceção social, os estereótipos, para mencionar alguns (Bakhtin, 1981).

Os psicólogos sociais veem na linguagem um meio pelo qual as respostas dos sujeitos são suscetíveis e em que eles respondem, ora esta desempenha um papel tanto no estímulo como na resposta (Bakhtin, 1981). Se o uso da linguagem permeia a vida social, os elementos da vida social constituem uma parte intrínseca do modo como a linguagem é usada (Bakhtin-Volochinov, 1997).

A visão de Franz Boas foi desenvolvida por Sapir e Whorf de uma forma mais assertiva, muitas vezes referida como a hipótese de Sapir-Whorf, ou relatividade linguística. A hipótese de Sapir-Whorf sustenta que a gramática de uma língua orienta os falantes para certos aspetos da experiência e forma, ou seja, a forma como eles representam mentalmente essa experiência. Como resultado, falantes de linguagens marcadamente diferentes podem representar estados de coisas fisicamente semelhantes e de forma bastante diferente (Whorf, 1956).

Whorf assumiu que o uso da língua para codificar a experiência resulta em um paralelismo entre as estruturas linguísticas e cognitivas. Como resultado, cada linguagem incorpora uma concepção metafísica ou ingénua da realidade e falantes de linguagens marcadamente diferentes possuem diferentes imagens mentais de estados de coisas semelhantes. Por exemplo, o sistema de três tempos do inglês e os itens lexicais utilizados para quantificar o tempo (dias, horas, minutos) podem levar os falantes de inglês a pensarem sobre um ponto em uma linha de tempo linear (Whorf, 1956).

Whorf argumentou que a linguagem representa a cultura e pode restringir o desenvolvimento de normas culturais não linguísticas, ou seja, a linguagem define a situação social, as percepções das pessoas sobre o que os outros conhecem, pensam e acreditam, e as reivindicações que eles fazem sobre suas próprias identidades e outras afetarão a forma e o conteúdo de seus atos de falar (Whorf, 1956).

A linguagem desempenha um papel crucial na formação de percepção das pessoas sobre o mundo, sendo esta uma ferramenta que usamos para explicar, compartilhar e criar significado, incluindo o conteúdo de estereótipos, preconceitos e intenções comportamentais (Sapir, 1921), tendo assim um impacto na percepção dos grupos sociais.

Como exemplo, Kotzur, Forsbach, & Wagner (2017), citando Stotzel & Wengeler (1995) afirma que os pesquisadores têm argumentado que a mudança de opinião pública sobre grupos sociais tem sido historicamente refletida na mudança de terminologias. Esta evidência empírica da conexão entre linguagem e percepção social de grupos é fornecida por descobertas que os estereótipos e preconceitos em relação ao mesmo grupo social podem mudar em função do rótulo, tanto para o *ingroup* (e.g., "branco" versus "europeu americano"), quanto para o *outgroup* (e.g., “trabalhadores estrangeiros” versus “trabalhadores convidados”; Morrison & Chung, 2011; Schönbach, 1970 citado em Kotzur, Forsbach, & Wagner, 2017).

Segundo Kotzur, Forsbach, & Wagner, 2017, existe uma panóplia de explicações para o surgimento de diferenças nas validações de grupos em função dos rótulos, como a moralidade percebida, o estigma e o poder ou a classe social e status.

## **2.2 Rótulos e categorização social**

Cada vez que pensamos nos outros acontece um processo cognitivo natural de colocar os indivíduos em grupos sociais de acordo com as suas categorias sociais, por exemplo, homens versus mulheres, idosos versus jovens, negro versus branco e por aí fora (Allport, 1954).

Allport (1954) argumentava que os rótulos de categorias sociais são dispositivos cognitivos que funcionam como padrões de organização e avaliação e onde o impacto desses rótulos pode aumentar consideravelmente quando os rótulos têm conotações depreciativas. Este dizia que a categorização auxilia na velocidade do pensamento, portanto estereotipar os indivíduos de determinados grupos permite de uma forma rápida e automática distinguir e atribuir características positivas ou negativas. Allport assim propôs que as características que atribuímos ao nosso grupo são melhores do que as do grupo a qual não se pertence.

Neste sentido Tajfel (1978) propôs que a categorização social tem três componentes psicológicos; uma componente cognitiva, que se refere ao facto de que o indivíduo conhece a sua pertença a uma categoria social; um componente avaliativo, que se refere à organização

das categorias sociais em termos das suas posições relativas numa dimensão de valor e por fim a uma componente emocional ligada às consequências das componentes anteriores para o indivíduo. Assim estes três componentes estarão na base da identidade social de cada indivíduo e com implicações diretas para o seu autoconceito (Tajfel, 1978).

Claro que categorizar os outros pode ter alguns benefícios, por exemplo se alguém perde-se na rua, automaticamente procuramos um polícia ou um taxista para nos ajudar, contudo o problema da categorização social é que esta por norma distorce as nossas perceções e tendemos ao exagero nas diferenças entre pessoas e grupos sociais e onde essa generalização consequentemente faz com que tratemos todos os membros de um grupo da mesma forma (Linville & Jones, 1980).

Se agruparmos indivíduos em categorias, é uma tendência inata humana e fundamental como também funcional. As categorias sociais e os estereótipos (o conhecimento e as expectativas sobre prováveis comportamentos e características) que associamos a eles, ajudam-nos a compreender o mundo social e a ganhar alguma previsibilidade (Mackie, Hamilton, Susskind & Rosselli, 1996).

Segundo Carnaghi & Bianchi (2017), quando nos referimos a pessoas categorizadas e seus comportamentos, ou quando falamos com pessoas que categorizamos, as nossas expectativas são frequentemente refletidas no uso da linguagem, por exemplo o uso da categoria homens versus mulheres facilita o nosso processamento de informação de uma forma consistente com estes dois rótulos (e.g., associamos automaticamente ao rótulo mulher a palavra batom). Os autores dizem-nos que os rótulos de categoria ativam conteúdos relacionados à categoria e respostas avaliativas que por sua vez facilitam a coleta e avaliação de informações subsequentes.

Se pensarmos em rótulos depreciativos de grupos minoritários, estes estão associados a uma representação diferente mais negativa do que rótulos neutros (e.g., homossexuais versus paneleiros; Carnaghi e Maass, 2007). Segundo Musolff (2014) quando substantivos negativos e depreciativos são usados dessa forma para descrever certos grupos sociais isso pode ter consequências negativas e desastrosas para o grupo descrito, tais como; (e.g. causando um humor depressivo, autoaversão, ideações suicidas e sentimentos de exclusão social (Barton, 2010).

Os enviesamentos linguísticos na comunicação relativo a grupos minoritários (e.g., com base na raça, sexo ou orientação sexual) são descritos como minis agressões ou insultos

subtis direcionados a uma pessoa que ameaça ou rebaixa outra (Sue, 2010). Ser categorizado por meios de enviesamentos linguísticas muito subtis pode induzir a confirmar as expectativas transmitidas e os estereótipos (Shapiro & Neuberg, 2007).

Em suma a categorização social e estereótipos desempenham um papel difundido e fundamental na perceção social, julgamento e interação. Ao comunicar-se sobre outras pessoas e o seu comportamento, a nossa linguagem ecoa as expectativas estereotipadas existentes que temos com indivíduos categorizados (Franco & Maass, 1996). Um enviesamento linguístico é definido como uma assimetria sistemática na escolha de palavras que reflete as cognições de categoria social que são aplicadas ao grupo ou indivíduo descrito (Maass, 1999). Se Allport (1954) diz-nos que a categorização social é um processo cognitivo natural, as palavras que as pessoas escolhem quando descrevem ou abordam indivíduos pertencentes a diferentes categorias sociais refletem intencionalmente o conhecimento da categoria social existente e as tentativas cognitivas de entender as inconsistências observadas com o conhecimento estereotipado existente (Beukeboom, 2014).

### **2.3 Efeitos dos media na opinião pública, a representação social**

As teorias desenvolvidas em redor da questão do poder dos media é uma grande controvérsia sobre o verdadeiro impacto destes na construção social da realidade e na formação da opinião pública.

O estudo de Paul Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (1940) sobre o impacto dos meios de comunicação social na campanha presidencial norte-americana de 1940, apenas tinha como objetivo perceber como as campanhas eleitorais associadas aos meios de comunicação influenciavam as opiniões e atitudes. Do ponto de vista dos autores, os media detinham um poder relativo. Este poder apenas consistia nas relações sociais e a dimensão psicológica dos destinatários, ou seja, os media apenas influenciavam no reforçar de comportamentos, valores e opiniões já existentes (Lazarsfeld e Katz, 2009, p. 31)

Segundo Leon Festinger a teoria dos efeitos limitados dos media viria a ser reforçada pela teoria da dissonância cognitiva pelo modelo da comunicação a dois níveis de Elihu Katz

e Lazarsfeld (1955).<sup>11</sup>

A teoria da dissonância cognitiva apresenta também desenvolvimentos relevantes quanto ao papel desempenhado pela exposição à informação e à comunicação. Por norma as pessoas procuram informações que são consonantes com as suas ações. Contudo, uma pessoa controlar ou prever o que irá acontecer no seu meio ambiente, de modo a proteger-se de qualquer discrepância, correspondente ao desconforto. Assim, na medida em que as pessoas significativas não compartilharem da sua opinião, gera-se uma fonte potencial de dissonância (Festinger, 1957).

Outra abordagem que considera o impacto dos media numa forma mais preponderante foi a representação social. Esta tem o seu enquadramento na obra de Moscovici, *La Psychanalyse, Son Image et Son Public*. Neste estudo, o autor procurava analisar as representações sociais da psicanálise, refletindo sobre o processo de apropriação e reinterpretação (Moscovici, 1976).

Moscovici define as representações sociais como, “dizem respeito ao conteúdo do pensamento cotidiano e ao conjunto de ideias que dão coerência às nossas crenças religiosas, às ideias políticas e conexões que criamos tão espontaneamente quanto respiramos. Elas nos possibilitam classificar pessoas e objetos, comparar e explicar comportamentos e objetivá-los como parte do nosso ambiente social. Embora as representações sejam frequentemente localizadas nas mentes de homens e mulheres, elas podem ser encontradas com frequência “no mundo” e, como tal, examinadas separadamente” (Moscovici 1988 p. 214).

Ora o autor considerava a atividade representativa como um processo simbólico que dá origem a um saber de “senso comum”, “natural” com um carácter de co-construção, formadas coletivamente e socialmente partilhadas, as representações são igualmente sujeitas a um processo cognitivo individual em que o sujeito reinterpreta aquilo que a sociedade lhe dá como adquirido (Moscovici, 1988).

Moscovici argumentou que as representações sociais têm origem em dois processos, a objetivação (consiste na passagem de conceitos ou ideias para esquemas de imagens concretas) e a ancoragem (é o processo de constituição de uma rede de significações em torno do objeto relacionando-o com valores e práticas) (Alves-Mazzotti, 1994 p. 62).

Assim sendo Denise Jodelet (1989) define a representação social como uma “forma de

---

<sup>11</sup> Paul Lazarsfeld e Elihu Katz divulgaram a pesquisa *Personal Influence: The Part Played by People in the Flow of Mass Communication* neste estudo também perceberam que o comportamento dos consumidores de moda e lazer também era influenciado por um grupo primário.



conhecimento, socialmente concebido e compartilhado, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um grupo social” (p. 36), ou seja, para a autora as representações sociais são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideal em que vivemos, conseqüentemente são, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos; imagens, conceitos, categorias, teorias, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo tendo acesso a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam (Jodelet, 1989).

Já no que diz respeito às condições de produção e circulação das representações sociais Jodelet (1989) afirma a importância da cultura e da sociedade como também da linguagem e da comunicação (interpessoal, institucional e mediática), onde é possível a existência de processos de influência e até mesmo a manipulação social.

Em modo de conclusão a teoria das representações sociais orienta a atenção para o pensamento social e cultural da sociedade, como novas cognições sociais ou representações da realidade são impulsionadas e as antigas transformadas através da comunicação (Jodelet 1989). Relativamente ao modo como os refugiados são representados nos media, Liisa Malkki (1997) afirma que é possível encontrar semelhanças na representação textual e visual dos refugiados a nível transnacional (p. 386).

O artigo de Kotzur, Forsbach, & Wagner (2017), aborda a temática dos rótulos linguísticos e como também as diferentes conotações das palavras podem ter consequências de cariz emocional e comportamental da percepção social das pessoas. Os rótulos linguísticos usados nesta pesquisa foram, “refugiados” versus “requerentes de asilo”; “refugiados de guerra” versus “refugiados económicos” versus “refugiados”. Com base num estudo qualitativo sobre os enviesamentos linguísticos associados aos rótulos, os autores verificaram diferenças relacionadas ao modelo de comportamento do estereótipo, ao mapa de afetos entre grupos e mapa de estereótipos, ou seja, os participantes avaliaram refugiados e requerentes de asilo da mesma forma. Já os refugiados económicos foram avaliados de forma mais negativa do que os refugiados ou refugiados de guerra, enquanto que os perfis de refugiados e

refugiados de guerra coincidiam. Essas descobertas sugerem que a escolha de palavras para se referir a pessoas que saíram do seu país de origem tem profundas consequências.

## 2.4 O contexto português: media

Tendo sempre em mente a ideia dos meios de comunicação social enquanto espaço de mediação entre a realidade e o público, o presente estudo tem como principal objetivo descrever e analisar a imagem dos requerentes de asilo, os refugiados e migrantes em Portugal e como a imprensa diária nacional portuguesa relata esta minoria.

Analisando alguns jornais portugueses tentou-se verificar as representações mediáticas dos rótulos em questão.

Segundo a notícia do jornal público do dia vinte cinco de Agosto de 2018, afirmou que os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) “continua a deter crianças e grávidas requerentes de asilo no aeroporto de Lisboa”. A notícia relata acontecimentos que tem vindo a acontecer aos requerentes de asilo ao chegarem a Portugal. Vendo que estes acontecimentos vão de contra a Convenção dos Direitos da Criança, onde esta afirma “Nenhuma criança será privada de liberdade de forma ilegal ou arbitrária: a captura, detenção ou prisão de uma criança devem ser conformes à lei, serão utilizadas unicamente como medida de último recurso e terão a duração mais breve possível”, (artigo 37, alínea b, da Convenção sobre os Direitos das Crianças). A notícia relatada no jornal Público afirma que não é a primeira vez que acontecem casos como este e onde o SEF em resposta ao sucedido, justificou declarando, "adota os mais rigorosos procedimentos para prevenir situações de tráfico de seres humanos, designadamente de menores" (Público, 2018 08 25)

O segundo rótulo do estudo, refugiados, reporta uma notícia no site da *EuroNews* do dia vinte de julho de 2018, onde na cidade de Idanha-a-Nova alguns refugiados, têm conseguido reconstruir as suas vidas. Um programa piloto de atração ao investimento, onde os refugiados são contratados para trabalhar nas hortas de cultivo e como alguns meios rurais de Portugal tem uma população muito envelhecida, ou seja, é uma forma de colmatar a falta de trabalho e dar trabalho aos refugiados que chegam a Portugal. Citando Pedro Guerra, o gerente das Hortas de Idanha-a-Nova, “São bons trabalhadores, e acho que é uma mais-valia para o concelho” (Euronews, 2018 07 20)

No site da revista Sábado do dia nove de Setembro de 2018 relatou uma história de

bravura da Força Aérea portuguesa que salvou 150 migrantes do Mediterrâneo que se encontravam à deriva numa embarcação. Esta operação da força Aérea Portuguesa estava integrada na operação militar “Sofhia” da Força naval da União Europeia onde duas embarcações sobre-lotadas com migrantes, uma delas naufragaram. A missão dos militares portugueses na operação “Sofhia” tem como objetivo contribuir "o desmantelamento do modelo de negócio das redes de introdução clandestina de migrantes e tráfico de pessoas, bem como para o combate ao contrabando de combustíveis no Mediterrâneo central” (Sábado, 2018).

As notícias relatadas acima e na pesquisa feita a variados jornais nacionais não foram encontradas reportagens depreciativas sobre os rótulos em questão. A imprensa portuguesa somente relata ações de cariz político e de como Portugal tem assumido a sua cota de refugiados.

No que diz respeito à linguagem os rótulos mais utilizados são; requerentes de asilo e refugiados como também no artigo de Kotzur, Forsbach, & Wagner (2017). No caso do contexto alemão, os autores citando Berry, Garcia-Blanco (2015) argumentaram que as terminologias mais predominantes usadas no discurso público para se referirem a pessoas que fugiram de condições adversas são sempre requerentes de asilo e refugiados, não havendo a distinção e diferenciação que ambos os rótulos acarretam. Remete-se assim para a responsabilidade que a comunicação social tem na formação de opinião pública sobre a percepção de rótulos tão distintos como supramencionado.

## **Capítulo III - Método**

### **3.1 Objetivo e hipótese do estudo**

Nesta pesquisa procuramos analisar a relação entre os rótulos linguísticos que os portugueses ouvem nos media e como estes influenciam a percepção dos mesmos relativamente aos refugiados, requerentes de asilo e migrantes. Concretamente e após verificação da literatura existente queremos saber se três rótulos utilizados para definir pessoas que migram de um país para outro (i.e., “migrante” versus “refugiado” versus “requerente de asilo”) afetam diferentemente as atitudes dos participantes (e.g., políticas de imigração). Mais, este estudo avalia se a ansiedade e ameaça intergruppal são mediadores da relação entre exposição a rótulos diferentes e atitudes (figura 3.1).

Apesar do estudo pertencer a um estudo internacional como mencionado na introdução por questões de viabilidade apenas esteve-se interessado em testar algumas variantes (atitudes) e possíveis mediadores.

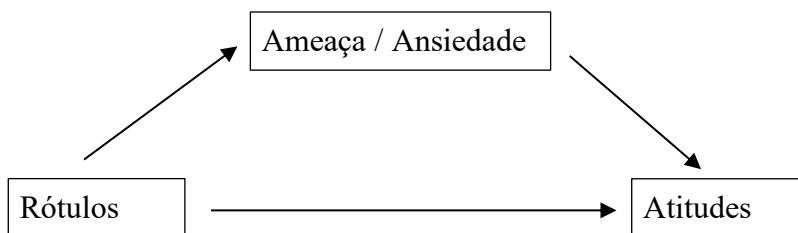
#### Hipótese 1:

Com base na observação de uso de palavra nos medias e dos resultados reportados por Kotzur e colegas (2017), hipotetiza-se que quando os participantes são expostos ao rótulo “migrante”, em comparação com os rótulos “refugiados” e “requerentes de asilo”, relatem atitudes mais negativas face aos imigrantes. Especificadamente, espera-se um efeito diferencial das condições em relação as variáveis, *feeling thermometer* (H1a), distância social (H1b) e atitudes políticas (H1c).

#### Hipótese 2:

Espera-se que a ameaça (H2a) e a ansiedade (H2b) intergrupais sejam mediadoras da relação entre rótulos e atitudes face aos imigrantes. Especificadamente, espera-se que o rótulo “migrantes”, em comparação com os rótulos “refugiados” e “requerentes de asilo”, esteja associado a níveis de ameaça e de ansiedade intergrupais maiores e que, conseqüentemente, estas afetam negativamente as atitudes face aos imigrados.

#### Modelo de hipóteses:



Modelo teórico encontra-se ilustrado na figura 3.1

### 3.2 Amostra

A amostra foi constituída por 166 participantes (97 mulheres e 68 homens) portugueses ou de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 18 e os 79 anos (idade média =39,90). Todos os participantes se identificaram como portugueses ( $N = 166$ ) ou portugueses provenientes dos PALOPS onde todos os participantes eram portadores

de passaporte português. Contudo o número de pessoas que responderam ao questionário foi de 192, mas foram excluídas pessoas de outras nacionalidades.

### 3.3 Procedimento

Foram elaboradas, através da plataforma *Qualtrics*, três versões do questionário uma para migrantes, outra para refugiados e finalmente uma para requerentes de asilo. O tempo de resposta foi, em média, 15 minutos. A versão online foi divulgada através de redes sociais, tendo sido constituída por conveniência. Os dados foram recolhidos entre Março e Setembro de 2018.

Ao início do questionário era explicado o objetivo do estudo, o carácter voluntário e anónimo da participação, a importância de as respostas ser sinceras e espontâneas, e o propósito para que seriam usados os dados recolhidos. Depois de os participantes consentir participar no estudo, eles respondiam uma série de escalas que incluíam: *Feeling Thermometer*, Distância Social, Atitudes em relação às políticas de imigração, Ansiedade intergrupala, Ameaça intergrupala, Benefícios intergrupais, Contato intergrupala nos media, Identificação nacional, Dados sócio-demográficos. Após responder ao questionário, foi apresentado aos participantes um *debriefing* sobre as condições do estudo e os objetivos mais específicos do mesmo e um agradecimento pela participação.

### 3.4 Instrumentos

#### *Feeling thermometer*

Os termómetros de sentimentos permitem que os entrevistados expressem as suas atitudes em relação a uma pessoa, grupo ou problema, aplicando uma classificação numérica de seus sentimentos em relação a essa pessoa, grupo ou questão em uma escala imaginária. Tem como objetivo medir a direção da atitude e também avaliar o grau ou a intensidade do sentimento (Alwin, 2007, p. 188).

Os participantes receberam instruções para expressar os seus sentimentos numa escala de 0 a 100 usando o termómetro para temperaturas de referência relativo aos rótulos migrantes, refugiados ou requerentes de asilo. Sentimentos positivos são rotulados como sentimentos calorosos e sentimentos negativos são equivalentes a sentimentos frios.

#### Distância Social

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

A escala de distância social de *Bogardus* (1924) é utilizada para medir empiricamente a disposição das pessoas em participar de contactos sociais de diferentes graus de proximidade com membros de diversos grupos sociais, grupos raciais e étnicos.

Os participantes indicaram o seu grau de favorabilidade numa escala tipo *Likert* (de 1 = *Nada* a 5 = *Extremamente*) relativamente a ter migrantes, refugiados ou requerentes de asilo como seus vizinhos, parceiro íntimo e seus amigos ( $\alpha = .87$ ).

#### Atitudes em relação às políticas de imigração

Os participantes indicaram o seu grau de concordância numa escala tipo *Likert* (de 1 = *Discordo totalmente* a 7 = *Concordo totalmente*) com medidas políticas específicas referentes ao acolhimento de refugiados, migrantes ou requerente de asilo relacionadas com a solicitação de residência, trazer os seus familiares para Portugal, empregabilidade, direito a benefícios sociais, sair livremente do país e se recebemos o número adequado de migrantes, refugiados ou requerentes de asilo (e.g., “Enquanto os pedidos de residência em Portugal estejam a ser considerados, [os migrantes / refugiados / requerentes de asilo] devem ser autorizados a trabalho remunerado”). Todos os itens foram invertidos de modo a que pontuações mais altas significassem maior atitudes positivas ( $\alpha = .58$ ).

#### Ansiedade intergrupar

Para avaliar a ansiedade intergrupar foi utilizada uma escala *Intergroup threat theory* onde os participantes indicaram, numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (de 1 = *Nada* a 5 = *Extremamente*), o seu grau de concordância com 3 itens em relação ao grau de desconforto, ansiedade e ameaça face aos grupos estudados (e.g., “Em que medida você sente-se ansioso quando pensa em [migrantes / refugiados / requerentes de asilo] em Portugal?”); ( $\alpha = .78$ ).

#### Ameaça intergrupar

Os participantes indicaram numa escala tipo *Likert* qual a concordância (de 1 = *Discordo totalmente* a 5 = *Concordo totalmente*) dos refugiados, migrantes ou requerentes de asilo o impacto das ameaças económicas, as ameaças físicas, as ameaças de coesão social e as ameaças de modernidade (e.g., “Os migrantes / refugiados / requerentes de asilo em Portugal esgotam os fundos de assistência social”); ( $\alpha = .81$ ).

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

### Benefícios intergrupais

Os participantes indicaram numa escala tipo *Likert* qual a concordância (de 1 = *Discordo totalmente* a 5 = *Concordo totalmente*) dos refugiados, migrantes ou requerentes de asilo os benefícios económicos, os benefícios físicos e os benefícios de diversidade cultural (e.g., “Os migrantes / refugiados / requerentes de asilo trazem para Portugal uma nova cultura, por exemplo; comida, música e arte, que pode enriquecer a cultura portuguesa”).

### Contato Intergrupual nos medias

Os participantes indicaram numa escala tipo *Likert* com que frequência (de 1 = *Nunca* a 5 = *Sempre*) ouvem notícias positivas ou negativas nos media sobre refugiados, migrantes ou requerentes de asilo (e.g., “Com que frequência você ouviu informações positivas sobre [migrantes / refugiados / requerentes de asilo] na media”).

### Identificação nacional

Os participantes indicaram numa escala tipo *Likert* qual a probabilidade (de 1 = *Nada* a 5 = *Extremamente*) da sua identificação nacional, ou seja, o quanto contentes, orgulhosos e importância de ser português (e.g., “Você está contente por ser português”).

### Dados sócio-demográficos

Na parte final do questionário foram pedidos alguns dados demográficos aos participantes, incluindo idade, o sexo, a situação profissional, o local de nascimento e o nível de escolaridade dos pais.

Os participantes indicaram também se pertencem a uma minoria étnica e qual, se a resposta tivesse sido positiva (n de respostas). Foi também avaliado o posicionamento político num *slider* (0 - Esquerda a 100- Direita).

## Capítulo IV – Resultados

### Intercorrelações entre as medidas de estudo

Foram calculados os valores de correlação de *Pearson* para avaliar as relações entre as variáveis do modelo: *feeling thermometer*, distância social, atitudes políticas, ansiedade intergrupala e ameaça intergrupala (Tabela 5.1). Tal como previsto, observou-se que as escalas usadas se correlacionam entre elas positivamente, sendo que o aumentar das atitudes positivas numa escala consequentemente aumenta a atitude positiva noutra.

Também as escalas que medem a ansiedade e ameaça intergrupala são positivamente e significativamente correlacionadas. Sendo que mais ansiedade e ameaça intergrupala são negativamente e significativamente correlacionadas com as escalas de atitudes, assim ao aumentar destas diminuem as atitudes favoráveis face aos grupos em estudo (refugiados, migrantes e requerentes de asilo).

**Tabela 5.1 - Correlações de *Pearson* entre *feeling thermometer*, distância social, atitudes políticas, ansiedade e ameaça intergrupala. (N=166)**

	Feeling thermometer	Distância Social	Atitudes políticas	Ansiedade Intergrupala
Distância social	.495**			
Atitudes políticas	.503**	.422**		
Ansiedade intergrupala	-.174*	-.148 <sup>+</sup>	-.429**	
Ameaça intergrupala	-.412**	-.457**	-.626**	.473**

<sup>+</sup>  $p < .10$ ; \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

### Diferenças entre rótulos

Para testar as hipóteses, foram realizadas várias *one-way* ANOVA com as pontuações nas escalas de estudo como variáveis dependentes e como fator *between-subject*, o tipo de rótulo apresentado (*requerentes de asilo* versus *refugiados* versus *migrantes*). As análises



mostraram um efeito significativo só em relação a escala de atitudes políticas ( $F(2, 163) = 3.30, p = .039$ ).

Análises *post-hoc*, mostraram que, quando os participantes respondiam a versão do questionário relativo aos *refugiados*, as atitudes políticas deles eram maiores das pontuações dos participantes que respondias aos questionários relativos aos *requerente de asilo* ( $t(106) = 2.86, p = .015$ ) e relativos aos *migrantes* ( $t(109) = 2.01, p = 0.47$ ). Ainda, não há diferença entre as atitudes políticas dos participantes que responderam ao questionários relativos aos *requerente de asilo* e relativos aos *migrantes* ( $t(108) = .60, p = .551$ ; ver Tabela 5.2).

**Tabela 5.2 - Rótulos e medias e desvio padrão nas escalas**

	Requerentes de asilo (n=53)	Refugiados (n=54)	Migrantes (n=56)
	<i>M(DP)</i>	<i>M(DP)</i>	<i>M(DP)</i>
Feeling Thermometer	64.13(23.87)	63.72(19.45)	63.02(25.36)
Distância Social	3.30(1.08)	3.02(1.13)	3.17(1.10)
Atitude Políticas	4.22(.72)	4.52(.52)	4.28(.64)
Ansiedade Intergrupala	1.9(.84)	1.72(.77)	1.56(.83)
Ameaça Intergrupala	2.38(.98)	2.34(.87)	2.17(.97)

As análises mostraram também um efeito significativo em relação a escala de ansiedade intergrupala ( $F(2, 163) = 3.04, p = .050$ ). Análises *post-hoc*, mostraram que, quando os participantes respondiam a versão do questionário relativo aos *requerentes de asilo*, a ansiedade intergrupala deles era maior do que a ansiedade dos participantes que respondias ao questionário relativo aos *migrantes* ( $t(108) = 2.39, p = 0.19$ ). Não se encontraram outra diferenças significativas ( $ts < 1.43, ps > .156$ ; ver tabela 5.2).

As análises de mediação (Hipóteses H2a e H2b) realizadas através da Macro PROCESS (Hayes, 2012), não revelaram nenhuns efeitos indiretos significativos.

## Capítulo V - Discussão e Limitações do estudo

### 5.1 Discussão

Este trabalho analisou a relação entre os rótulos linguísticos e quais os sentimentos que estes evocam na população portuguesa, ou seja, quais as atitudes dos portugueses quando ouvem as terminologias “refugiados”, “requerentes de asilo” e migrantes.

Quando a crise migratória se instalou na Europa, António Guterres citou, “*A crise económica mundial tem dois impactos (ajuda aos refugiados): reduz a ajuda humanitária às populações necessitadas, mas é também um gatilho para a instabilidade e para o conflito em muitas situações*” (António Guterres, 2012).

Pondo esta citação daí surge a curiosidade de saber se os rótulos linguísticos têm alguma mudança nas atitudes dos portugueses. Com base em pesquisas anteriores sobre rótulos, (Carnaghi & Bianchi, 2017), a hipótese de Sapir- Whorf (1921), a categorização social (Allport, 1954) e as perceções de ameaça (Stephan, Ybarra, Morrison, 2009), este estudo investigou se os rótulos usados para descrever pessoas recém-chegadas impactam na perceção social da população acolhedora e quais as intenções intergrupais.

No geral os nossos resultados mostram que as terminologias usadas para descrever as pessoas deslocadas têm consequências nas perceções dos portugueses e em estudos similares os pesquisadores têm argumentado que a mudança de opinião pública sobre grupos sociais tem sido historicamente refletida na mudança de terminologias (Stötzel & Wengeler, 1995; Porst & Jers, 2007 citado em Kotzur, Forsbach, & Wagner, 2017). Conforme previsto, a H1 foi confirmada só parcialmente, os resultados H1a (feeling thermometer) e H1b (distância social) não tinham diferenças substanciais entre os rótulos. A H1c diz-nos que as atitudes políticas são mais positivas em relação aos refugiados do que aos requerentes de asilo e migrantes, porém não existe diferenças nas atitudes políticas entre requerentes de asilo e migrantes.

Num estudo de Berry e colegas. (2015) argumenta-se que o rótulo de requerente de asilo tem uma conotação neutra negativa, já o rótulo de refugiado é conotado de forma positiva a neutra (Berry, Garcia-Blanco & Moore, 2015, citado em Kotzur, Forsbach, & Wagner, 2017). Talvez esta ideia surja da expressão de requerente de asilo de alguém que requer algo e não tem obrigação de, ou seja, a conotação de requerer pode enfatizar/especular que está associado a custos e ameaças económicas (por exemplo benefícios de transferência) e

simbólicas (e.g. culturais) aumentados pela visibilidade percebida das intenções (Stephan & Stephan, 2000 citado em Kotzur, Forsbach, & Wagner, 2017).

Stephan e colegas., (2009) enfatizam que a teoria ameaça intergrupala preocupa-se com as ameaças percebidas em vez das reais, já que “as ameaças percebidas têm consequências reais, independentemente de as percepções de ameaça serem precisas” (Stephan, Ybarra, & Morrison, 2009, p. 45). Esta teoria distingue dois tipos de ameaças percebidas: ameaças realistas e simbólicas. No que diz respeito a ameaças realistas temos o bem-estar político, económico e físico, já as ameaças simbólicas preocupam-se com os valores, tradições, ideologia, moral de um grupo e espera-se que seja mais proeminente quando um grupo acredita que seus valores e características culturais são diferentes de um grupo externo (Zárate, Garcia, Garza, & Hitlan, 2004 citado em Steate & Mastro, 2015). Infelizmente a pesquisa no domínio da teoria da ameaça intergrupala sugere que o contato intergrupala contemporâneo é tipicamente associado à ansiedade devido à percepção de grupos externos. Em vez de melhorar a dinâmica intergrupala, esses contactos cheios de ansiedade têm a dinâmica de potenciar e antagonizar o enviesamento intergrupala (Harwood, 2010 citado em Steate & Mastro, 2015). As nossas análises *post-hoc* mostraram um efeito significativo em relação à escala de ansiedade intergrupala, onde os participantes que responderam a versão do questionário, requerentes de asilo em comparação com os questionários relativos a migrantes a escala de ansiedade intergrupala era significativamente maior.

Em comparação com o estudo de Kotzur e colegas (2017), os participantes possuíam estereótipos semelhantes em relação aos requerentes de asilo e refugiados, onde as reações emocionais e tendências de ação diferiram significativamente em função dos rótulos, de modo que os refugiados (níveis mais elevados de piedade) eram positivamente melhor conotados do que os requerentes de asilo. Contudo os participantes demonstraram intenções comportamentais mais ativas, mas também inesperadamente passivas de apoio aos refugiados do que aos requerentes de asilo, onde os autores especulam que seja devido à compatibilidade das intenções e a capacidade de prejudicar, refletidas nas classificações de calor e competência que foram julgadas semelhantes entre os grupos.

Posto isto é necessário afirmar que os resultados mostram uma diferença entre os rótulos linguísticos, relativamente às atitudes políticas e ansiedade intergrupala. Onde a revisão da literatura sobre enviesamento linguístico, autores como Carnaghi, Mass e Bianchi mostram que mesmo dentro da escolha de um rótulo específico, diferentes escolhas linguísticas levam a diferentes inferências sobre o grupo descrito (e.g. usar um rótulo substantivo em vez de um

rótulo adjetivo leva a conclusões mais fortes nos destinatários). Assim, a escolha de um rótulo sobre o outro induz em inferências no destinatário que estão alinhadas com o estereótipo de categoria social daqueles que usam o rótulo.

Segundo Moncrieffe & Eyben (2013) o tipo de rótulo usado pode exigir e justificar respostas específicas ou mesmo políticas que lidam com indivíduos de certas categorias sociais (e.g. refugiados, refugiados económicos, refugiados de guerra, requerentes de asilo etc.).

O estudo de Schemer (2012) sobre a exposição a mensagens dos media (anúncios políticos) induzem a respostas afetivas negativas a grupos minoritários (e.g. requerentes de asilo na Suíça) como também produz e reforça o afeto negativo. Aqui, a implicação é que a persistente caracterização de minorias como ameaça encontrada nos media tem o potencial de se tornar “uma força motriz na manutenção de sentimentos negativos e da derrogação de grupos étnicos” (p. 427).

Assim, quando as pessoas ouvem nos media a caracterização persistente dos rótulos específicos associados com ameaças físicas, por exemplo, estudos mostraram que é mais provável que os espectadores se lembrem incorretamente de um suspeito de um crime como afro-americano, embora a reportagem original mostrasse um caucasiano, (Oliver, Jackson, Moses, & Dangerfield, 2002 citado em Ramasubramanian, 2010), as perceções dos espectadores brancos sobre afro-americanos e latino-americanos na televisão influenciam os seus sentimentos e crenças do mundo real sobre esses grupos externos, o que, por sua vez, pode afetar o apoio a políticas voltadas para a raça. Ora os resultados do estudo de Ramasubramanian (2010) apoiam cautelosamente esta conclusão. A autora sugere que os sentimentos preconceituosos dominantes (medidos como um índice de sentimentos raciais, incluindo raiva, desconforto, antipatia, etc.), provocados pela exposição na televisão, servem para mediar a influência do consumo televisivo no apoio à afirmação sob certas condições e distintas de cognições. Embora este trabalho não vincule padrões específicos do conteúdo dos media a respostas emocionais específicas em nível de grupo (ou seus correlatos sobre atitudes e comportamentos associados), ele reforça os argumentos sobre o papel singularmente importante que os media têm de criar ou reforçar crenças estereotipadas (se as representações mediáticas são consistentes tornam-se mentalmente disponíveis para influenciar as perceções, crenças e valores do mundo real), mas também desempenha o papel de influenciar como o grupo majoritário interpreta as minorias (Shrum, & O’Guinn, 1993 citado em Ramasubramanian, 2010).

## 5.2 Limitações do estudo

Uma das principais limitações do estudo tem a ver com a amostra ter sido pequena e onde muitas das respostas mostraram que os participantes não sabiam a diferença entre requerentes de asilo e refugiados. Se tivesse havido uma distinção entre “refugiados de guerra”, “requerentes de asilo” e “migrantes económicos” talvez os resultados pudessem ter sido mais significativos. Kotzur e colegas (2017) diz-nos que os rótulos “requerentes de asilo” e “refugiados” são frequentemente usados de forma intercambiável na linguagem cotidiana.

No presente estudo apenas foi tida em consideração as escalas de *Felling thermometer*, distância social, atitudes políticas, ansiedade e ameaça intergrupais, porque apenas queríamos descobrir se haveria diferenças entre os nossos rótulos linguísticos e quais os portugueses tinham mais perceções negativas. Vendo que Portugal saiu de uma crise económica, social e política apenas à dois anos. Onde de 2011 a 2014 ficou sujeito a um programa de ajustamento acordado com as instituições da *troika* (condicionamento político económico) que conduziu a desembolsos financeiros. Assim denota-se ainda o sentimento negativo que os portugueses sentem relativo aos migrantes.

Tornando pertinente o estudo do impacto que o sentimento de privação relativa grupal pode ter na sociedade portuguesa. Este é um conceito clássico da psicologia social como percepção por parte do indivíduo de uma desvantagem injusta do seu endogrupo em relação a outro grupo de referência (Runciman, 1966). Pettigrew argumentou que os efeitos negativos da privação relativa grupal sucedem devido a mecanismos de negação da discriminação (Pettigrew et al., 2008).

Vendo que este estudo faz parte de um estudo internacional seria deveras interessante comparar resultados e verificar se os rótulos linguísticos noutros países além da Europa também têm as mesmas perceções às atitudes políticas relativo ao rótulo migrante.

Por fim e segundo Allport (1954) o contacto entre os membros de diferentes grupos tem sido apontado como uma forma de melhorar as relações intergrupais, sob as condições apropriadas. Na literatura existente há apoio substancial para afirmação de que o contato intergrupais positivo pode produzir atitudes favoráveis em relação ao grupo externo e consequentemente à diminuição da ansiedade (Harward & Joyce, 2012 citado em Steate & Mastro, 2015). Apesar de o estudo ter como moderador o contacto intergrupais este não foi analisado, assim para futuras pesquisas era benéfico ser avaliado.

### Referências bibliográficas

- ACNUR (Janeiro 1992), Manual de Procedimentos e critérios a aplicar para determinar o Estatuto de Refugiado, Genebra, Edição ACNUR.
- Acmgovpt. (2018). Acmgovpt. Retrieved 3 September, 2018, from <https://www.acm.gov.pt>
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- Alves-Mazzotti, A. J. (1994). Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. Em Aberto. Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar., p. 60-78.
- Andrade, J. H. Fischel de (2008), “Guerra Fria e Refugiados: da Génese Política do ACNUR e da Convenção de 1951”, in SACRAMENTO, Daniel, IKAWA, Daniela e PIOVESAN, Flávia (Coord.), *Igualdade, Diferença e Direitos Humanos*, Rio de Janeiro Editora, Lúmen Júris, p. 771-807.
- Bakhtin, M. (1981). Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Bakhtin-Valochinov. (1997). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec.
- Barton B. “Abomination”(2010). Life as a Bible belt gay. *Journal of Homosexuality*. p.; 57:465–484. Doi: 10.1080/00918361003608558.
- Beukeboom, C. J. (2014). Mechanisms of linguistic bias: How words reflect and maintain stereotypic expectancies. In J. Laszlo, J. P. Forgas, & O. Vincze (Eds.), *Social cognition and communication* (pp. 313–330). New York: Psychology Press.
- Boas, F. 1894. “Classification of the Languages of the North Pacific Coast”. *Memoirs of the International Congress of Anthropology*, 339-346. Chicago: Schulte. (Repr. in Boas 1974. 159- 166).
- Carnaghi, A. & Bianchi, M. (2017). *Group Labeling*. Oxford Research Encyclopedias. doi: 10.1093/acrefore/97801902
- Carnaghi, A., & Maass, A. (2007). In-group and out-group perspectives in the use of derogatory group labels: Gay versus fag. *Journal of Language and Social Psychology*, 26(2), 142–156.
- CPR (2009), *Curso de Sensibilização* (policopiado).
- Euronewscom. (2018). Euronews. Retrieved 2 September, 2018, from <https://pt.euronews.com/2018/07/20/refugiados-encontram-a-sorte-em-portugal>
- Eurostat. (2016). Asyl in den EU-Mitgliedsstaaten – Rekordzahl von über 1,2 Millionen registrierten erstmaligen Asylbewerbern im Jahr 2015. Asylum in EU member states – Record number of more than 1.2 million registered first-time asylum seekers in 2015. Disponível em: <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/7203837/3-04032016-AP-DE.pdf/9fcd72ad-c249-4f85-8c6d-e9fc2614af1b>

- Festinger, L.(1957). *A Theory of Cognitive Dissonance*, Stanford University Press.
- Franco, F. M., & Maass, A. (1996). Implicit vs. explicit strategies of outgroup discrimination: The role of intentional control in biased language use and reward allocation. *Journal of Language and Social Psychology*, 15, 335–359.
- Jodelet, D., (1985). La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: *Psicología Social* (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paídos.
- Jodelet, D., (1989). Représentations sociales: un do-main en expansion. In: *Les Représentations Sociales* (D. Jodelet, org.), pp. 31-61, Paris: Presses Universitaires de France.
- Jodelet, D. (ed.) (1989), *Les Représentations Sociales*, Paris, DUF.
- Kotzur, P.F., Forsbach, N., & Wagner, U. (2017). Choose your words wisely: Stereotypes, Emotions, and Action tendencies toward fled people as a function of the group label. Department of Psychology, Philipps-Universität Marburg, Germany. Hogrefe Publishing.
- Lazarsfeld, P., Berelson B., Gaudet H. (1944). *The people's choice: how the voter makes up his Mind in a presidential campaign*. New York: Columbia University Press.
- Lazarsfeld, P., Kartz, E. (2009). The part played by people. In: Lazarsfeld, Paul; Kartz, Elihu. *Personal Influence: the part played by people in the flow of Mass Communications*. EUA: The Free Press.
- Linville, P. W., & Jones, E. E. (1980). Polarized appraisals of out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 689–703.
- Maass, A. (1999). Linguistic intergroup bias: Stereotype perpetuation through language. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 31, pp. 79–121). San Diego, CA: Academic Press.
- Mackie, D. M., Hamilton, D. L., Susskind, J., & Rosselli, F. (1996). Social psychological foundations of stereotype formation. In C. N. Macrae, C. Stangor, & M. Hewstone (Eds.), *Stereotypes and stereotyping* (pp. 41–78). New York: Guilford.
- Malkki, L. H. (1995), “Refugees and Exile: From “Refugee Studies” to the National Order of Things”, in *Annual Review of Anthropology*, Vol. 24, p. 495-523.
- Malkki, L. H. (1997), “Speechless Emissaries: Refugees, Humanitarianism and Dehistoricization”, in *Cultural Anthropology*, Vol. 11, No3, p. 377-404.
- Moncrieffe, J., & Eyben, R. (2013). *The power of labelling: How people are categorized and why it matters*. London: Earthscan.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse: son image et son public*. Paris: PUF

- Moura, M. M. 2004. Nascimento da Antropologia Cultural: a obra de Franz Boas. São Paulo: Hucitec. Original em inglês, tradução esta extraída de Moura (2004: 139).
- Musolff, A. (2014). Metaphorical parasites and “parasitic” metaphors: Semantic exchanges between political and scientific vocabularies. *Journal of Language and Politics*, 13(2), 218–233.
- Pettigrew, T., Christ, O., Wagner, U., Meertens, R., Dick, R. & Zick, A. (2008). Relative deprivation and intergroup prejudice. *Journal of Social Issues*, 64, 385- 401.
- Pires, R. P., (2003), *Migrações e Integração*, Oeiras, Celta.
- Publicopt. (2018). Publicopt. Retrieved 2 September, 2018, from <https://www.publico.pt/2018/08/25/sociedade/noticia/sef-continua-a-deter-criancas-e-gravidas-requerentes-de-asilo-no-aeroporto>
- Ramasubramanian, S. (2010), Television Viewing, Racial Attitudes, and Policy Preferences: Exploring the Role of Social Identity and Intergroup Emotions in Influencing Support for Affirmative Action, *Communication Monographs*, 77:1, 102-120, DOI: 10.1080/03637750903514300
- Runciman, W. (1966). *Relative deprivation and social justice*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Sabadopt. (2018). Sabadopt. Retrieved 2 September, 2018, from <https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/forca-aerea-portuguesa-salva-150-migrantes-no-mediterraneo>
- Sapir, E. (1921). *Language*. New York, NY: Harcourt, Brace, and World.
- Schemer, C. (2012). Reinforcing spirals of negative affects and selective attention to advertising in a political campaign. *Communication Research*, 39, 413–434. doi: 10.1177/0093650211427141
- Seate, A., A., & Mastro, D. (2016). Media's influence on immigration attitudes: An intergroup threat theory approach. *Communication Monographs*, 83(2), 194-213.
- Sefstatsefpt. (2018). Sefstatsefpt. Retrieved 26 October, 2018, from <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>
- Shapiro, J. R., & Neuberg, S. L. (2007). From stereotype threat to stereotype threats: Implications of a multi-threat framework for causes, moderators, mediators, consequences, and interventions. *Personality and Social Psychology Review*, 11, 107–130.
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Morrison, K. R. (2009). Intergroup threat theory. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 43-60). New York, NY, USA: Psychology Press.
- Sue, D. W. (2010). *Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation*. Chichester, U.K.: Wiley



Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Tajfel, H., (1978). *Differentiation between social groups*. London: Academic Press.

U. N. Refugee Agency. (2015). *Global trends: Forced displacement in 2015*.

Whorf, B. L. (1956). *Language, thought, and reality*. Cambridge, MA: MIT Press.

## Anexo A – Questionário versão requerentes de asilo<sup>12</sup>

Introdução Caros(as) participantes,

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar de um estudo internacional que investiga os pensamentos e sentimentos das pessoas sobre diferentes grupos sociais. A pesquisa está a ser conduzida por uma equipe internacional de pesquisadores da Austrália, Finlândia, França, Itália, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Suécia e Suíça.

Na pesquisa, será solicitado(a) a responder a perguntas sobre certos grupos sociais. Também será solicitado(a) a indicar o quanto concorda ou discorda de várias declarações sobre si e outros. No final da pesquisa, será solicitado(a) a fornecer informações demográficas sobre si e os seus pais (idade, sexo, etnia, etc.). O estudo demora cerca de 15 minutos.

A sua participação no estudo é anónima e voluntária. Pode retirar a sua participação em qualquer momento sem qualquer motivo. Pedimos a sua sinceridade, pois não existem respostas certas ou erradas, nem quaisquer riscos, físicos ou psicológicos, associados ao estudo em questão. Todos os dados serão tratados de forma estatística e servirão para fins científicos (publicações em revistas, apresentação em conferências).

Gostaríamos de agradecer a sua participação na pesquisa científica com antecedência! Com a sua participação tem a oportunidade de contribuir com dados úteis para o conhecimento científico em geral, aumentando o conhecimento sobre processos psicológicos.

Se precisar de qualquer informação adicional, entre em contato com um dos pesquisadores abaixo assinado.

Em nome da equipe internacional de pesquisa,

Ana Kátia Vinhais, Iscte-IUL, [akmvs@iscte-iul.pt](mailto:akmvs@iscte-iul.pt)

Mauro Bianchi, Universidade Lusófona / Iscte-IUL, [mauro.bianchi@ulusofona.pt](mailto:mauro.bianchi@ulusofona.pt)

Consente. Concorda em participar no estudo? Ao clicar no botão abaixo, declara que recebeu e leu todas as informações acima apresentadas e confirma participar no estudo.

Sim

Não

A questão dos requerentes de asilo é amplamente discutida a nível político e frequentemente relatada pelo media. No entanto, pouco se sabe sobre o que o público em geral pensa e sente sobre os requerentes de asilo. Por este motivo, gostaríamos de lhe pedir que relate a sua opinião e sentimentos sobre os requerentes de asilo. Estamos particularmente interessados em requerentes de asilo que vêm para Portugal. Antes de fazer isso, gostaríamos de lhe perguntar como definiria pessoalmente os requerentes de asilo.

Em poucas palavras, descreva como define os requerentes de asilo:

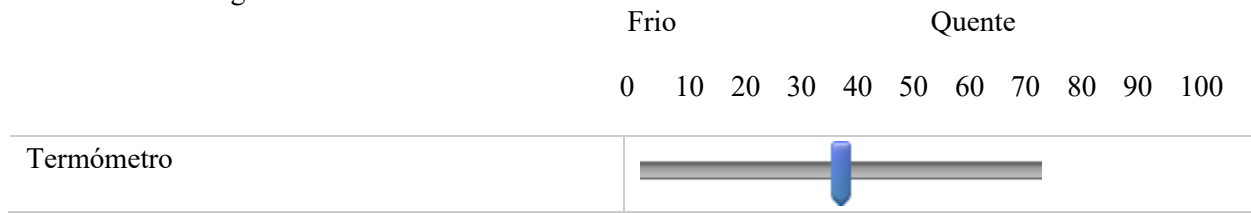
---

---

<sup>12</sup> Foram elaborados, três versões do questionário onde os participantes recebiam aleatoriamente a versão requerentes de asilo, migrantes ou refugiados.

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Em uma escala de 0 (= frio) a 100 (= quente), indique os seus sentimentos em relação aos requerentes de asilo em Portugal.



Em que medida ficaria feliz se um requerente de asilo:

	Nada	Ligeiramente	Moderadamente	Muito	Extremamente
... fosse seu vizinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... fosse seu amigo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
... fosse seu parceiro íntimo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Indique o seu grau de concordância ou discordância com as declarações abaixo.

	Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Nem discordo, nem concordo	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
Enquanto os pedidos de residência em Portugal estejam a ser considerados, os requerentes de asilo devem ser autorizados a trabalho remunerado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O governo deve ser generoso ao julgar as solicitações de residência, aos requerentes de asilo em Portugal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enquanto os pedidos de residência em Portugal estejam a ser considerados, o governo português deve dar apoio financeiro aos requerentes de asilo que estão em necessidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os requerentes de asilo cujos pedidos são concedidos devem ter o direito de trazer seus familiares mais próximos para Portugal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Portugal tem a sua parcela justa de requerentes de	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

asilo.

A maioria dos requerentes de asilo não precisa realmente sair do seu próprio país.

Enquanto os pedidos de residência em Portugal estejam a ser considerados, os requerentes de asilo não devem poder sair livremente em Portugal.

Indique como se sente em relação aos requerentes de asilo:

	Nada	Ligeiramente	Moderadamente	Muito	Extremamente
Em que medida se sente ansioso quando pensa em requerentes de asilo em Portugal?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em que medida se sente desconfortável quando pensa em requerentes de asilo em Portugal?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em que medida se sente ameaçado quando pensa em requerentes de asilo em Portugal?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Indique o seu grau de concordância ou discordância com as declarações abaixo.

	Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Nem discordo, nem concordo	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
Os requerentes de asilo em Portugal esgotam os fundos de assistência social.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Muitos requerentes de asilo em Portugal estão envolvidos em roubos e assaltos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os requerentes de asilo olham, vestem-se e falam de forma diferente dos cidadãos portugueses, o que prejudica o sentimento de coesão na sociedade portuguesa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os requerentes de asilo trazem consigo valores e normas tradicionais que prejudicam a natureza moderna da sociedade portuguesa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Indique o seu grau de concordância ou discordância com as declarações abaixo.

	Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Nem discordo, nem concordo	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
Muitos requerentes de asilo em Portugal ajudam a tornar a economia portuguesa mais competitiva no sector da economia mundial.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os requerentes de asilo em Portugal cuidam dos seus próprios assuntos e não incomodam os portugueses.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os requerentes de asilo trazem para Portugal uma nova cultura, por exemplo; comida, música e arte, que pode enriquecer a cultura portuguesa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fornecer refúgio a requerentes de asilo é bom para criar uma imagem global positiva de Portugal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Indique a sua opinião:

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Com que frequência ouve informações positivas sobre requerentes de asilo na media?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência ouve informações negativas sobre requerentes de asilo na media?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Têm alguma experiência pessoal com requerentes de asilo?

Sim

Não

Se respondeu SIM à questão anterior por favor responda abaixo.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Quantas vezes suas experiências com requerentes de asilo foram positivas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quantas vezes suas experiências com requerentes de asilo foram negativas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

-----



Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Para si o quanto é importante o problema dos migrantes, refugiados e / ou requerentes de asilo?

- Não é importante.
- Não muito importante.
- Moderadamente importante.
- Muito importante.
- Extremamente importante.

Entende claramente as diferenças entre migrantes, refugiados e requerentes de asilo?

- Nada claramente.
- Não muito claramente.
- Moderadamente claro.
- Muito claramente.
- Extremamente claro.

Com que frequência as pessoas em Portugal usam as palavras "migrante", "refugiado" e "requerente de asilo" para significar o mesmo?

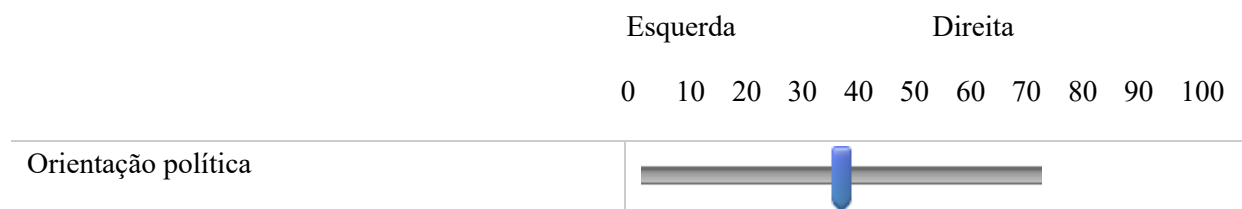
- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Muitas vezes
- Sempre

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

O quanto interessa-se por política?

- Não interessado.
- Não muito interessado.
- Moderadamente interessado.
- Muito interessado.
- Extremamente interessado.

Com relação às opiniões políticas, fala-se de pessoas que têm uma orientação política de "esquerda" ou "de direita". Como avaliaria suas próprias crenças políticas em uma escala onde 0 corresponde a "esquerda" e 100 à "direita".



Indique a sua opinião:

	Nada	Ligeiramente	Moderadamente	Muito	Extremamente
Está contente por ser português?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Está orgulhoso de ser português?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É importante para si ser português?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Por favor indique seu género:

- Homem
- Mulher
- Outro: \_\_\_\_\_

Qual a sua idade?

\_\_\_\_\_

É membro de uma minoria étnica em Portugal?

- Sim
- Não

Se respondeu SIM à questão anterior indique qual a sua etnia:

---

Indique o nível de escolaridade obtido pelo seu pai?

- Sem educação formal
- Ensino primário
- Ensino secundário
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Indique o nível de escolaridade obtido por sua mãe?

- Sem educação formal
- Ensino primário
- Ensino secundário
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Pense na ocupação de sua mãe e indique qual seria a percepção da maioria das pessoas relativo ao prestígio e estatuto dessa ocupação:

- Status e prestígio bastante baixos
- Status e prestígio muito baixos
- Status e prestígio médios
- Status e prestígio razoavelmente altos
- Status e prestígio muito altos

Pense na ocupação de seu pai e indique qual seria a percepção da maioria das pessoas relativo ao prestígio e estatuto dessa ocupação.

- Status e prestígio bastante baixos
- Status e prestígio muitos baixos
- Status e prestígio médios
- Status e prestígio razoavelmente altos
- Status e prestígio muito altos

Possui um passaporte português?

- Sim
- Não

Onde nasceu?

- Portugal
- Outro: \_\_\_\_\_

Algum dos seus pais era migrante, refugiado ou requerente de asilo?

- Sim
- Não

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

Indique como se descreve:

- Desempregado
- Trabalhador por conta de outrém
- Trabalhador por conta própria
- Estudante. Curso: \_\_\_\_\_

Por favor numa escala de onze níveis, pense na sociedade portuguesa. Nos níveis mais altos estão as pessoas com mais dinheiros, mais letrados e com os trabalhos mais respeitados. Já no nível inferior estão as pessoas com menos educação, com menos dinheiro e trabalhos menos respeitados ou mesmo desempregados. Indique onde se colocaria nesta escala em relação a outras pessoas em Portugal?

- Nível inferior
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- Nível superior

Se tiver algum comentário ou feedback ao questionário, por favor, escreva-o na caixa abaixo.

\_\_\_\_\_

Obrigado por completar a pesquisa!

Esta pesquisa visa investigar como e porque as avaliações das pessoas sobre "migrantes", "refugiados" e "requerentes de asilo" variam de acordo com o país a que pertencem. Alguns participantes deste estudo foram questionados sobre migrantes, alguns foram questionados sobre refugiados e outros foram questionados sobre os requerentes de asilo. Além disso, alguns participantes foram recrutados na Austrália e alguns foram recrutados em países europeus (Finlândia, França, Itália, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Suécia e Suíça).

O tema da imigração é uma questão oportuna e é necessária mais informações para compreender e potencialmente melhorar as relações entre pessoas de diferentes origens na sociedade. Obrigado

Como diferentes rótulos linguísticos podem influenciar nas atitudes dos portugueses.

novamente pela sua contribuição para esta importante tarefa!

Em nome da equipe internacional de pesquisa, Ana Kátia Vinhais (aluna de Mestrado em Psicologia das relações interculturais) e orientador Mauro Bianchi.